



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CAMPUS DE SÃO BERNARDO  
COORDENAÇÃO DE LINGUAGENS E CÓDIGOS/LÍNGUA PORTUGUESA

**REGILDA APRIGIO PAZ**

**DE I JUCA PIRAMA A GUPEVA: um estudo do indianismo brasileiro a partir dos maranhenses Gonçalves Dias e Maria Firmina dos Reis**

SÃO BERNARDO-MA

2019

REGILDA APRIGIO PAZ

**DE JUCA PIRAMA A GUPEVA: um estudo do indianismo brasileiro a partir dos maranhenses Gonçalves Dias e Maria Firmina dos Reis**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Linguagens e Códigos.

**Orientação:** Profa. Ma. Lana Kaíne Leal.

SÃO BERNARDO-MA

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Paz, Regilda Aprigio.

DE I JUCA PIRAMA A GUPEVA: um estudo do indianismo brasileiro a partir dos maranhenses Gonçalves Dias e Maria Firmina dos Reis / Regilda Aprigio Paz. - 2019.

46 f.

Orientador(a): Lana Kaíne Leal.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos  
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2019.

1. Romantismo. 2. Indianismo. 3. Gonçalves Dias.  
4. Maria Firmina. I. Leal, Lana Kaíne. II. Título.

REGILDA APRIGIO PAZ

**DE JUCA PIRAMA A GUPEVA: um estudo do indianismo brasileiro a partir dos maranhenses Gonçalves Dias e Maria Firmina dos Reis**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Linguagens e Códigos.

**Orientação:** Profa. Ma. Lana Kaíne Leal.

APROVADA EM: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Ma. Lana Kaíne Leal (Orientadora)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Profa. Dra. Maria Francisca da Silva  
Universidade Federal do Maranhão

---

Profa. Dra. Katia Cilene Ferreira França  
Universidade Federal do Maranhão

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela minha vida, sabedoria e por me dá força para ir em busca dos meus objetivos.

Ao meu pai, Paulo Paz, pelo amor incondicional, por ser um pai presente, pelo cuidado, pelos ensinamentos, e por sempre ter dito “a única coisa que posso oferecer para vocês é a escola; a única herança é a educação, é os estudos. Estudem!”.

Ao meu filho, Ray Paz, por dá equilíbrio a minha vida, por ser a razão que me faz seguir sempre em busca de meus objetivos, e por ser a força que não me deixar desistir de lutar.

Ao meu companheiro, Aracildo Sousa, pelo apoio e, sobretudo, por ter se dedicado aos cuidados de nosso filho durante meu período que me ausentei para a graduação.

As minhas irmãs, Ana Paula Paz e Maria de Jesus Paz, pelo respeito, apoio, força, cumplicidade e o amor que nos uni.

A todos os professores do ensino fundamental, médio e graduação, pela paciência e por terem compartilhado comigo um pouco de seus conhecimentos.

A minha orientadora, Lana Kaíne Leal, pela dedicação, paciência, tempo doado a minha orientação e pelo conhecimento compartilhado comigo.

A minha amiga, Janayna Couto, pela amizade e companheirismo ao longo de nossa jornada na graduação.

## RESUMO

O Romantismo foi um importante movimento que iniciou em 1836 e se estendeu até 1881 dividido em três fases. Entre as fases do romantismo brasileiro, encontra-se o *Indianismo* que consistia no emprego da figura do índio como elemento literário, o que caracteriza uma das temáticas mais marcantes da primeira fase desse movimento. Nessa fase, a ideia do índio como o primeiro brasileiro ajudou a consolidar os ideais nacionalistas brasileiros. Foi no Indianismo que Gonçalves Dias se destacou, pois dedicou parte de suas produções aos índios. Já Maria Firmina, apesar de ter seu nome vinculado mais às questões abolicionistas, também produziu textos ligados aos indígenas. Nessa perspectiva, este trabalho objetiva analisar o poema *I-Juca- Pirama*, de Gonçalves Dias, e o conto *Gupeva*, de Maria Firmina, a partir de uma comparação dos elementos característicos do romantismo brasileiro, sobretudo, do indianismo, inserindo a escritora Maria Firmina, como uma representante desse movimento. A metodologia utilizada se caracteriza como uma pesquisa de abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico. Para fundamentar este trabalho, utiliza-se, principalmente, Cândido (2002), que discorre sobre o romantismo no Brasil; Lima (2015), Canilha (s. d.), Simões e Pereira (2005), Medeiros (2011), que abordam sobre o poeta Gonçalves Dias; Carvalho e Alves (2015), Zin (2017), Furtado (2017), que abordam sobre a escritora Maria Firmina.

**Palavras-chave:** Romantismo. Indianismo. Gonçalves Dias. Maria Firmina.

## RESUMEN

El Romanticismo fue un importante movimiento que inició en 1836 y se extendió hasta 1881 dividido en tres fases. Entre las fases del romanticismo brasileño, se encuentra el indigenismo que consistía en el empleo de la figura del indio como elemento literario, lo que caracteriza una de las temáticas más destacadas de la primera fase de ese movimiento. En esa fase, la idea del indio como el primer brasileño ayudó a consolidar los ideales nacionalistas brasileños. Fue en el Indianismo que Gonçalves Dias se destacó, pues dedicó parte de sus producciones a los indios. María Firmina, a pesar de tener su nombre vinculado más a las cuestiones abolicionistas, también produjo textos ligados a los indígenas. En esta perspectiva, este trabajo objetiva analizar el poema I-Juca- Pirama, de Gonçalves Dias, y el cuento Gupeva, de María Firmina, a partir de una comparación de los elementos característicos del romanticismo brasileño, sobre todo, del indianismo, insertando a la escritora María Firmina como una representación de ese movimiento. La metodología utilizada se caracteriza como una investigación de abordaje cualitativo y procedimiento bibliográfico. Para fundamentar este trabajo, se utiliza, principalmente, Cândido (2002), que discurre sobre el romanticismo en Brasil; (2005), Medeiros (2011), que abordan sobre el poeta Gonçalves Dias; (2001), Zin (2017), Furtado (2017), que abordan sobre la escritora María Firmina.

**Palabras clave:** Romanticismo. Indigenismo. Gonçalves Dias. Maria Firmina.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 ROMANTISMO BRASILEIRO.....</b>	<b>11</b>
2.1 Romantismo: contexto socio-histórico	
2.2 Romantismo: imaginação, emoção e criatividade individual .....	13
<b>3 GONÇALVES DIAS E MARIA FIRMINA .....</b>	<b>18</b>
3.1 Gonçalves Dias: poeta da primeira geração romântica.....	18
3.2 Maria Firmina dos Reis: a poeta ultrarromântica.....	23
<b>4 ANÁLISE DAS OBRAS .....</b>	<b>30</b>
4.1 I-Juca-Pirama .....	30
4.2 Gupeva.....	35
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>



## 1 INTRODUÇÃO

À primeira vista, pode parecer um tanto estranho apresentar uma proposta de trabalho que procura explicitar características de textos literários que pertencem ao mesmo período e com a mesma temática, porém de autoria distinta, porque, obviamente estas produções apresentarão peculiaridades muito próximas. No entanto, essa proposta veio para destacar o trabalho indianista da autora, e assim, poder abordar sobre a questão de ela não ter sido reconhecida como escritora romântica brasileira, fato este que ficou notável depois de sua morte. Firmina teve sua atuação como literata durante toda a sua vida. Foi uma escritora assídua de seu período. Desenvolveu tantos trabalhos literários quanto trabalhos sociais.

Na literatura, Maria Firmina abordou diversos temas românticos, tais como, amor, natureza, indígenas e escravização, este último a tornou mais conhecida devido a sua obra *Úrsula*, que atualmente é considerada o primeiro romance da literatura brasileira. Na sociedade, ela contribuiu com seu trabalho dedicado a educação, atuando como professora, cargo que exerceu formalmente até se aposentar aos 56 anos. Porém, o trabalho realizado por Firmina ficou apagado da memória nacional por muito tempo, até ser resgatado pelo pesquisador Horácio de Almeida, que ao descobrir *Úrsula*, em 1962, em um sebo da cidade do Rio de Janeiro, conseguiu identificar a autoria da escritora e, conseqüentemente, ressuscitou o nome da escritora do túmulo do esquecimento trazendo-o novamente ao conhecimento do público.

Neste trabalho será abordado também sobre outro nome da literatura brasileira, Antônio Gonçalves Dias. Este, diferente de sua conterrânea, destacou-se tanto em seu tempo quanto ao longo dos séculos, já que é conhecido como um dos maiores poetas da literatura nacional. Dias deve seu sucesso, principalmente, ao seu trabalho indianista, ou seja, trabalho que abordava questões sobre os povos indígenas, indivíduos estes que ele mantinha uma estreita relação devido a sua origem e a seus trabalhos realizados diretamente com esses povos. Dias, além de seu belíssimo trabalho com a figura do índio, também escreveu sobre o amor, pátria, natureza, religiosidade, etc.

Diante do exposto, este estudo objetiva analisar o poema “I-Juca- Pirama”, de Gonçalves Dias, e o conto “Gupeva”, de Maria Firmina, a partir de uma comparação

dos elementos característicos do romantismo brasileiro, sobretudo, do indianismo, inserindo a escritora Maria Firmina, como uma representante do movimento romântico. Para tanto, em termos metodológicos, esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa de abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico. Como fundamentação teórica, utilizamos, principalmente, Cândido (2002), que discorre sobre o romantismo no Brasil; Lima (2015), Canilha (s. d.), Simões e Pereira (2005), Medeiros (2011), que abordam sobre o poeta Gonçalves Dias; Carvalho e Alves (2015), Zin (2017), Furtado (2017), que abordam sobre a escritora Maria Firmina.

A fim de alcançar o objetivo desta pesquisa, este trabalho está estruturado em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O capítulo 2 apresenta o contexto socio-histórico do Brasil no século XIX, bem como o romantismo brasileiro e suas características; o capítulo 3 expõe uma breve biografia dos autores Gonçalves Dias e Maria Firmina dos Reis, assim como características de suas obras, como: temática, estilo e linguagem; e, por fim, o capítulo 4 apresenta as análises do poema épico-dramático “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, e do conto “Gupeva”, de Maria Firmina.

## 2 ROMANTISMO BRASILEIRO

Neste capítulo temos o objetivo de apresentar os principais aspectos do Romantismo brasileiro. Para tanto, no primeiro tópico adentra-se um pouco no contexto histórico do Brasil nos anos oitocentos; e em seguida, apresenta-se algumas características que possibilitaram o surgimento do romantismo brasileiro, além de alguns aspectos que caracterizam este movimento.

### 2.1 Romantismo: contexto socio-histórico

O século XIX foi marcado por diversos fatos históricos importantes na história do Brasil. Antônio Cândido, ao escrever um resumo sobre o romantismo brasileiro, destaca aspectos sobre a situação a qual o país se encontrava naquela época:

No começo do século XIX o Brasil estava numa situação que hoje podemos ver o quanto era contraditória, não apenas em sentido político, mas também cultural. Colônia de um país atrasado como Portugal, o estatuto de dependência já atrapalhava os movimentos de suas classes superiores, que desejavam cada vez mais ser também dirigentes. Os homens cultos, os clérigos, os proprietários sentiam mal-estar no mundo fechado que a Metrópole criara, [...] impedindo o intercâmbio comercial [...] tomando a parte do leão nos produtos da riqueza e estabelecendo condições humilhantes para os naturais do país. Isso explica certas tentativas de mudança, certos projetos de libertação, como a Inconfidência Mineira de 1789. De outro lado, o povo subalterno começava a manifestar sinais de inconformismo contra as classes superiores, o que resultava em ameaça ao Estado português, como foi o caso da chamada Revolta dos Alfaiates na Bahia, em 1798. (CÂNDIDO, 2002, p. 07).

Como podemos observar, a virada do século se encontrava marcada por diversas manifestações, que continuariam nas décadas seguintes. Como um dos marcos importantes desse novo século temos a mudança da sede do governo português de Lisboa para o Rio de Janeiro. Portugal, tomado por uma crise decorrente das manobras expansionistas de Napoleão Bonaparte, é obrigado a transferir sua sede para sua distante e isolada colônia. Então, em dezembro de 1807, o Príncipe Regente D. João saiu da Europa rumo a América levando consigo parte da Corte, o governo, milhares de funcionários e soldados.

O deslocamento da Família Real para o Brasil alterou a imagem do cenário do país. Após este acontecimento inesperado, o futuro brasileiro seria marcado por uma série de transformações que mudaria o rumo de sua história política, como o fim

do período monárquico substituído pelo período da república, em 1822, e a promulgação da Lei Áurea, em 1888. Sobre estes fatos, Candido relata que:

Tornando-se sede da Monarquia o Brasil não apenas teve a sua unidade garantida, mas começou a viver um processo de independência virtual, tornada efetiva em 1822 depois que o soberano voltou a Lisboa por exigência dos seus súditos portugueses. Em 1816 o país fora elevado à categoria de Reino Unido e, em 1821, ao se retirar, o Rei D. João VI [...] deixou como regente o filho mais velho, herdeiro do trono, aconselhando-o que caso a independência se tornasse inevitável ele próprio a fizesse e governasse o Brasil. Foi o que fez o Príncipe, proclamando a separação e sendo aclamado Imperador sob o nome de Pedro I, numa solução conciliatória que permitiu às classes dominantes manter a posição e as vantagens, sem resolver os problemas das classes dominadas, o maior dos quais era a escravidão dos negros, abolida apenas em 1889 (Idem, p. 10).

Com a chegada da Corte à colônia, mais precisamente à cidade do Rio de Janeiro, na qual se estabeleceu a sede do governo, a mesma se encontrava em um estado de atraso, de descuido e em precárias condições, e por esses motivos a cidade passou por mudanças a fim de atender às necessidades dos recém-chegados, ou seja, era preciso arrumar a casa à altura de seus hóspedes. Com isso o impacto da transformação da cidade seria grande e tinha que se proceder com urgência: ruas ampliadas e cuidadas, portos foram abertos, surgiram novos bairros, escolas foram criadas, e logo a cidade se tornaria o centro comercial e intelectual do país. Com a presença da família real no Brasil houve um crescimento populacional, principalmente, no Rio de Janeiro, cidade que antes "possuía cerca de cinqüenta mil habitantes à chegada do Príncipe Regente, e não apenas dobrou de imediato a população, mas se transformou social e culturalmente ao receber uma corte europeia" (CÂNDIDO, 2002, p. 11). Quanto a essas mudanças no meio artístico e cultural o autor assinala que:

do ponto de vista da cultura, a presença do governo português no Brasil foi um marco histórico transformador, a partir do Rio de Janeiro, que se tornou definitivamente centro do país e foco de irradiação intelectual e artística. Depois de 1808, foram permitidas as tipografias e imprimiram-se os primeiros livros, criou-se uma importante biblioteca pública, foi possível importar obras estrangeiras, abriram-se cursos e foram fundadas algumas escolas superiores. (Ibidem).

A partir dessa época, segundo Cândido, surgiram os cursos de desenho, pintura, escultura, gravura, etc. Também foi criada a imprensa Régia, primeira imprensa oficial que posteriormente "facilitaria a circulação de jornais e periódicos e representaria um significativo estímulo à produção literária". (L. ABAURRE; B. ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 32).

## 2.2 Romantismo: imaginação, emoção e criatividade individual

Antônio Cândido (2002) ressalta que nessa fase o adensamento cultural foi um traço muito importante. Segundo o autor, isso se deu por conta da chegada de muitos homens instruídos no Brasil, já que junto a coroa vieram muitos intelectuais portugueses, e muitos brasileiros que estudavam em Coimbra retornaram ao país, além de estrangeiros de vários países que vinham em missões, em sua maioria cientistas e artistas, para registrarem as peculiaridades do novo reino.

Desses viajantes, dois merecem atenção especial: Auguste de Saint-Hilaire, respeitado professor do Museu de História Natural de Paris, que veio em 1816 acompanhando a Missão Artística Francesa, e Carl Friedrich Von Martius, naturalista que chegou em 1817, como integrante da Missão Artística Austríaca. (L. ABAURRE; B. ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 32).

Segundo as autoras, foram Saint-Hilaire e Von Martius, quando realizavam trabalhos em solo brasileiro, que apontaram a natureza exuberante e os índios como os elementos mais representativos da identidade brasileira. Em seus trabalhos evidenciavam as belezas naturais em discursos arraigados de emoções, deslumbramento diante da beleza natural das florestas que eram representadas como uma espécie de paraíso, um lugar sagrado intocado pela civilização. O nativo era o que se considerava verdadeiramente nacional, já que se encontravam no território brasileiro antes da colonização portuguesa.

Diante da exposição dos estrangeiros e posteriormente com a proclamação da Independência, os literatos da época encontraram um terreno propício para que se pudesse semear a ideologia romântica. Ora, se o Brasil havia conquistado sua independência política, isso também deveria acontecer em outros aspectos da sociedade. E foi o que de fato aconteceu no campo da literatura, mas para que isso de fato se concretizasse os literatos precisavam (i) criar referências concretas que consolidassem a ideia de uma nação desvinculada de Portugal; (ii) valorizar a cultura local; e, (iii) identificar elementos literários tipicamente nacionais para inserir em suas produções. Nesse sentido, as temáticas sobre o Índio, a natureza, o amor à pátria, entre outras, foram inseridas na produção literária, sobretudo, da primeira fase romântica no Brasil, marcando, assim, a busca por uma ruptura com a literatura

europeia. Dessa forma, a partir do movimento denominado Romantismo, iniciou-se um processo de afirmação da identidade brasileira.

Em relação à terminologia, “o termo Romantismo faz referência à estética definida pela expressão da imaginação, das emoções e da criatividade individual do artista. Representa uma ruptura com os padrões clássicos de beleza” (L. ABAURRE; B. ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 14). Este movimento surgiu em oposição ao movimento neoclássico, nesse sentido “para romper com a postura racional da estética árcade, o movimento romântico interpreta a realidade pelo filtro da **emoção**. Combinada à originalidade e ao subjetivismo, a expressão das emoções definirá os princípios da nova produção artística” (Ibidem). Ele teve início a partir do desejo de autonomia literária nas primeiras décadas do século XIX, e logo viria se intensificar com o advento da independência do Brasil e mais tarde tornar-se definitivamente concreto.

Assim sendo, as mudanças sociais ocorridas no Brasil, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, como a ascensão burguesa, possibilitaram o início da valorização da cultura local; da história e da própria língua. A respeito disso, Antônio Cândido (2002) relata que a adesão da nova tendência foi sendo aplicada aos poucos. A princípio não era tão notável na prática o que se pretendia teoricamente, ou seja, os escritores traziam em seus trabalhos traços clássicos que uma vez ou outra eram mesclados aos traços românticos:

Inovação formal, praticamente nenhuma. Todos continuavam a fazer odes, cantos épicos, sonetos, elegias, em versificação tradicional e quase sempre com as alusões mitológicas de preceito. Mas aqui e ali começam a aparecer algumas mudanças discretas nos temas e no tom. A melancolia, por exemplo, vai sendo cada vez mais associada à noite e à lua, ao salgueiro e à saudade, sobretudo ao pormenor dos lugares. Modificação paralela ocorre no tratamento da natureza, pois a tradição nativista se liga então ao novo sentimento de orgulho nacional, que prenuncia o patriotismo. (CÂNDIDO, 2002, p. 17).

O Romantismo foi um movimento que surgiu na Europa e se estendeu a outras partes do mundo. Um movimento que surgiu em plena Revolução Francesa, que resultou no fim do absolutismo e que impulsionou a ascensão da burguesia. Contrapondo ao gosto clássico da nobreza, o movimento surge para atender aos gostos de uma outra classe que se encontrava em um processo de ascensão, tanto no aspecto econômico, social como também na arte, ou seja, a estética romântica é a arte da burguesia em ascensão. No geral, o Romantismo apresentava as seguintes

características: subjetividade, individualismo, sentimentalismo, liberdade de criação, idealismo, fuga da realidade, valorização da natureza.

No Brasil, o movimento teve como marco oficial a publicação de *Suspiros poéticos e saudades*, de Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), em 1836. No entanto, teria sido na revista *Nitheroy* que o escritor havia publicado *Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil* que é dado como o primeiro manifesto romântico brasileiro.

Vivendo na França, alguns escritores, conhecidos como o Grupo de Paris, resolveram criar uma revista em que seriam tratados temas de interesse nacional. Entre esses escritores, estavam Gonçalves de Magalhães e Araújo Porto Alegre. A *Nitheroy, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes* surgiu em 1836 e declarava, em epígrafe: Tudo pelo Brasil, e para o Brasil. Estava dado o primeiro “grito” de independência literária do país (L. ABAURRE; B. ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 34).

Inicialmente, essa estética apresentava uma postura antilusitana e anticolonialista dando espaço e valorizando temas com elementos nacionais gerando com isso uma literatura que resgatava as nossas origens (resgate do índio e da natureza exuberante como símbolos de nacionalidade adicionado de um forte sentimento de patriotismo, principalmente, na primeira geração) e a nossa individualidade nos afastando de um passado dependente. Por aqui, surgiu uma nova nação e essa nova arte teve o papel importante de contribuir com a criação desse sentimento nacionalista. O movimento “apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria [...] pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo e, portanto, a identidade, em oposição à Metrópole, identificada com a tradição clássica” (CÂNDIDO, 2002, p. 20).

Por ser tão abrangente, o romantismo foi dividido em três fases. A primeira fase, nomeada **indianista** e/ou **nacionalista**, foi marcada pela exaltação do nosso país, a partir da valorização da natureza e do indígena, este que é apresentado como símbolo de honra, como herói nacional, um índio nobre, corajoso. O índio vai ser uma espécie de elemento fundador de nacionalidade. Sobre essa questão Magalhães (2006), considera que o *Indianismo* pode ser compreendido como “um estilo literário que buscava uma identidade nacional vai-se aprofundar no índio como tema, que então é recriado é um índio que passa a ser bem visto pois, é um índio idealizado e dotado de qualidades como coragem, honra etc.”.

Nesse sentido, o estilo indianista foi muito explorado por alguns escritores desse período, já que procuravam se afastar dos moldes literários europeus, ou seja,

romper com os modelos canônicos, isto é, as regras, as normas e as convenções clássicas. Diante disso, os escritores indianistas da primeira fase romântica brasileira encontraram na figura do índio o elemento ideal para suas produções substituindo o herói medieval pelo nosso nativo. Foi a partir disso que os literatos marcaram essa fase de mudanças, exaltando aspectos nacionais, e, dessa forma, buscando uma identidade nacional bem como uma literatura propriamente brasileira, recorrendo às nossas origens, ou seja, valorizaram os primeiros habitantes do Brasil, passando a ocupar o lugar que nos escritos românticos europeus era destinado aos cavaleiros medievais.

É fato que o indígena vem sendo abordado na literatura desde a Literatura de Informação que, a princípio, seria somente registro sobre a descoberta de um povo e seus costumes. Mas foi no romantismo que ele ganhou lugar de destaque com a tendência indianista. Na literatura, o decênio de 1850 é apontado por Cândido (2002) como o momento de maior prestígio do indianismo, pois extravasou a lírica, chegando “ao mesmo tempo ao romance e à epopeia, numa curiosa coexistência de arcaísmo e modernidade (CÂNDIDO, 2002, p. 48). Segundo ele, Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa (1812-61), foi o primeiro autor do primeiro e longo poema de tema indianista, a saber, *Três dias de um noivado* (1844). No entanto foi com *I Juca Pirama* (1851), do poeta maranhense Gonçalves Dias, e com *Iracema* (1865), prosa do cearense José de Alencar, que a temática ganhou mais representatividade e ficou mais reconhecida pelo público leitor. Além destes românticos, também fizeram referência ao indígena os poetas Gonçalves de Magalhães, nas obras: *A confederação de Tamoios* (1857), e *Os Indígenas do Brasil perante a História* (1860); Manuel de Macedo (1820-1882), no romance *A Moreninha* (1844); e, Maria Firmina dos Reis (1825- 1917) no conto *Gupeva* (1861), escritora maranhense que será apresentada com mais profundidade adiante. Quanto a ideia nacionalista, se faz por apresentar um forte sentimentalismo nacional, um amor exacerbado pela pátria manifestada, principalmente, pelos primeiros poetas do movimento que valorizavam tudo o que era nacional, como a flora, a fauna, etc.

A segunda fase do romantismo é conhecida como **byronista** ou **mal-do-século** marcada por aspectos negativos, a poesia desse período romântico é permeada por temas como: egocentrismo, negativismo, pessimismo, dúvida, desilusão, boêmia, exaltação da morte e evasão. Seus principais representantes foram: Álvares de Azevedo (1831-1852) e Casimiro de Abreu (1839-1860).



A terceira fase ficou conhecida como **condoreira** ou **hungoana**, voltada para as causas sociais, como por exemplo, a abolição da escravatura. Sobre esta última fase do romantismo Cândido diz:

Em relação aos temas, a novidade foi o toque social, que assumirá grande vulto no decênio de 70, cultivado tanto por versejadores de toda a sorte, arrastados pelos movimentos sociais do período, quanto pelos poetas de boa qualidade, dois dos quais se destacam: Fagundes Varela e Castro Alves. (CÂNDIDO, 2002, p. 72).

Nessa terceira geração, a escravização era uma das maiores preocupações dos poetas da época, a situação dos povos escravizados foi retratada, em obras como *Os escravos* (1986) de Castro Alves (1847-1871). Os condoreiros assumiram um papel importante em relação ao movimento abolicionista.

### 3 GONÇALVES DIAS E MARIA FIRMINA

Este capítulo tem como objetivo apresentar os autores Antônio Gonçalves Dias e Maria Firmina dos Reis. Nessa apresentação, além de fatos sobre a vida dos escritores, será mostrado, em linhas gerais, algumas de suas principais obras, bem como alguns aspectos adotados por eles em relação às suas temáticas, estilo e linguagem. No entanto, a ênfase deste capítulo será a apresentação destes autores como representantes do movimento romântico brasileiro, a saber, o indianismo.

#### 3.1 Gonçalves Dias: poeta da primeira geração romântica

Antônio Gonçalves Dias foi um poeta maranhense natural de Caxias, Maranhão, nascido no dia 10 de agosto de 1823. Era filho do comerciante português João Manuel Gonçalves Dias e da mestiça maranhense Vicência Ferreira. O poeta veio à luz um ano após o Brasil ter adquirido sua independência política da Coroa portuguesa, fato que aponta para uma época de constante movimento em torno da nação recém fundada, sobretudo, sua cidade que apresentava uma forte ligação com a metrópole, como podemos observar nas palavras de Lima (2015):

Nessa altura, a Vila de Caxias era habitada majoritariamente por uma população lusitana, que constituía a classe dominante. O intenso tráfego marítimo com a metrópole, justificado pela maior proximidade geográfica com a Europa, tornava mais fáceis as trocas comerciais e culturais com Portugal do que com outras regiões do país. Sendo assim, não havia interesse no rompimento com a metrópole, o que deu origem a diversos conflitos até a adesão (forçada) do estado do Maranhão à independência, em 28 de julho de 1823 (LIMA, 2015, p. 14).

Sendo filho de comerciante e a querer do pai, Dias era preparado para assumir os negócios da família e “desde os sete anos foi sendo alfabetizado e aperfeiçoado – principalmente na caligrafia –, e aos dez anos já trabalhava no caixa” (Idem, p. 16). Segundo a autora aos dez anos o menino foi matriculado no curso de Ricardo Leão Sabino - um brasileiro professor de latim, francês e filosofia formado em Coimbra. Em 1838, mesmo já havendo escolas superiores no Brasil, ele segue para Portugal na companhia de Bernardo de Castro e Silva para concluir seus estudos onde cursou direito pela Universidade de Coimbra. Essa opção de concluir os estudos fora se justificava pelo fato de ser mais fácil chegar à Europa, para aqueles melhor situados economicamente, do que desbravar o seu próprio país, devido ao difícil acesso que o

restante do país tinha para chegar à capital e em contrapartida o acesso à Europa era mais acessível devido ao constante tráfego marinho entre os dois territórios.

Em Portugal, por volta de 1840, o maranhense conhece a poesia-nacionalista por meio dos escritos de Almeida Garrett e Alexandre Herculano “que vincaria para sempre a sua linguagem” (BOSI, 2015, p. 109). Além dos escritores portugueses, outros escritores foram essências para a escrita gonçálviana:

Dentre essas várias literaturas, as que mais se sobressaíram na formação da sua bagagem literária – conforme mostram os seus críticos e as citações do próprio autor – foram: a alemã, com destaque para Goethe, Schiller, Heine e Novalis; a italiana, pelos textos de Dante, Petrarca, entre outros; [...] a francesa, pelas leituras de Victor Hugo e de Chateaubriand; e a inglesa, por Shakespeare e Byron (cf. Castro, 1999; Peres, 2003 Apud LIMA, 2015, 44).

Ao concluir os estudos em Portugal, Dias retorna ao Brasil, em 1845, mais precisamente para Caxias, onde ele “encontra uma cidade bastante mudada: embora recuperando-se ainda da Balaiada, dispunha já de escolas públicas primárias para ambos os sexos, bandas de música marciais e um teatro, o “Harmonia”, inaugurado dois anos antes” (Pereira, 1943 apud LIMA, 2015, p. 24). No ano seguinte, decidiu ir morar na capital São Luis, hospedando-se na casa de seu amigo Teófilo. Mais tarde, parte para a cidade a qual se encontrava o centro da intelectualidade. “Assim, embarcou em junho de 1846 para o Rio de Janeiro num vapor, levando o seu manuscrito dos *Primeiros Cantos* e algumas cartas de recomendação, com esperanças de ganhar a vida na cidade-corte” (Idem).

No Rio de Janeiro, ele publica seu livro os *Primeiros contos* em janeiro de 1847, obra que ele já levava manuscrito, trabalho este que lhe garantiu renome de grande poeta, “logo ratificado pelos *Segundos contos* e *Sextilhas de Frei Antão* (1848) e pelos *Últimos contos* (1851)” (BOSI, 2015, p. 109). Estes livros reuniam grandes temas românticos do autor como: a natureza, o patriotismo, a religiosidade, a questão do amor impossível, tema que foi muito recorrente em muitas de suas obras, o indianismo, entre outros. “Eles foram considerados pelos contemporâneos como a verdadeira pedra fundamental da poesia brasileira moderna, sobretudo porque traziam [...] o tema do índio, que até então havia suscitado poucas e em geral medíocres produções (CÂNDIDO, 2002, p. 43).

G. Dias fez parte da comissão de redação da revista *Guanabara* (1849-55), que fora de grande importância para os iniciadores da literatura romântica brasileira, com Joaquim Manuel de Macedo e Araújo Porto-Alegre. Todo reconhecimento como

poeta fez com que conquistasse o apoio do imperador sendo enviado à várias comissões para estudar, principalmente, os indígenas. Esteve na Amazônia onde estudou etnografia e linguística. “Em meados de 1850, a pedido de D. Pedro II, Gonçalves Dias iniciou seu primeiro estudo etnográfico sobre o índio brasileiro” (MEDEIROS, 2011, p. 376). Desse trabalho resultou *Brasil e Oceânia* (1852), uma monografia que foi o primeiro trabalho etnográfico brasileiro do escritor. Ele foi autor de um *Dicionário da Língua Tupi* publicado em 1857, resultado de sua integração à “Comissão Científica de Exploração, cuja missão era investigar aspectos da história natural e intercâmbios de atividades científicas. A seção etnográfica e de narrativa de viagem, não por acaso, foi confiada a Gonçalves Dias” (PINHEIRO, 2004, p. 2-3 Apud MEDEIROS, 2011, p. 376). O poeta deixou inacabado o poema *Os Timbiras*. Entre tantas ocupações e obras, também foi redator dos debates do Senado e da Câmara, e é “nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros e, no ano de 1854, pleiteia uma comissão na Europa” (LIMA, 2015, p. 37).

A vida do poeta maranhense foi marcada por diversas idas e vindas à Europa, várias viagens dentro do próprio país e à alguns países vizinhos. Na última, dessas viagens, Dias veio a falecer no dia 03 de novembro de 1864, quando o *Ville de Boulogne* naufragou no baixo de Atins quando voltava da Europa onde ele teria ido em busca de tratamento para o que na época era conhecido como o mal-do-século, a tuberculose.

Como já citado, Gonçalves de Magalhães foi o poeta que marcou o início da literatura romântica brasileira com sua obra *Suspiros poéticos e saudades*, no entanto, foi com os trabalhos de Dias que esse movimento tomou impulso e veio a se consolidar. Ele é considerado um dos maiores escritores da história de nossa literatura. Escreveu sobre o amor, descreveu e exaltou a natureza, expressou a saudade de sua terra e declarou seu amor a sua pátria em sua belíssima *Canção de exílio*, seu poema mais famoso, que “trata especificamente da questão do amor à pátria sob a ótica da oposição entre Brasil e Portugal [...]” (DIAS, 1980, p.103 Apud MEDEIROS, 2011, p. 375).

A respeito de sua obra lírica, Bosi (2015, p. 114) ressalta que “são os moldes portugueses que atuam mais diretamente: o Garrett sentimental, nas poesias de amor e saudade [...] e o Herculano góticos dos hinos à Natureza, à Morte e dos poemas religiosos [...]”. No entanto, foi no índio que o poeta ganhou destaque e reconhecimento em versos como em *Marabá, O canto do Piaga, O leito de folhas*

*verdes, Depreciação* e, sobretudo, *I-Juca-Pirama*. “Gonçalves Dias já em seu primeiro livro, [...] seguindo tendências do romantismo europeu, com poemas como o “*Canto do Piaga*” e o “*Canto do Guerreiro*” introduziu na poesia brasileira o tema do índio como bom selvagem e como figura idealizada que representava a nação” (MEDEIROS, 2011, p. 375 grifo meu). Quanto sua linguagem, ele explorou os diversos recursos métricos, fez bom uso da rima, ritmo, musicalidade, temática, linguística, etc.

A linguagem poética de Gonçalves Dias não se limita a uma questão de palavras. [...] Suas construções apresentam uma sintaxe ideológica, lírica. Também fez uso de versos brancos. Produziu certas passagens sem rimas, a fim de melhor exprimir as sensações do eu-lírico, em contraste com as rimas abundantes em outras passagens de seus poemas. A rima aparece no galanteio, nas canções, no “canto de morte” de “*I-Juca-Pirama*” e nos poemas líricos; mas não está presente quando se quer expressar a fúria sonora, a graça idílica (SIMÕES; PEREIRA, 2005, p. 23).

Segundo as autoras, Gonçalves Dias era preciso e rigoroso e se preocupava com a beleza da expressão sem se descuidar do estilo; renovou o léxico da língua, empregou palavras que estavam em desuso, adequou bem o latinismo e o enriqueceu-o; foi um dos pioneiros no emprego de vocabulário indígena, empregando palavras em uso, outras raras e algumas inventadas por ele. O poeta conhecia bem a Língua Portuguesa, não em termos gramaticas, mas, principalmente, de vivências com os vários poetas de todas as épocas. “Por isso, regras de metrificação não o incomodavam, tampouco o preocupavam, pois ele criava as suas próprias, de acordo com a necessidade de expressão num e noutra momento” (Idem).

Mesmo com o desgaste causada pelo tempo a qual todas as obras são sujeitas, Cândido (2002) ressalta que as obras de Dias mesmo com a ação desse tempo decorrido, mantem sua posição de primeira e de elevada qualidade, principalmente, pelos seus poemas indianistas. “O sopro poético e a deformação cavalheiresca com que tratou os seus selvagens os conservaram vivos, realizando o seu desejo de redefinir a tradição da literatura ocidental por meio de novas imagens, referidas a uma gente diversa” (Idem, p. 44).

Para ele, a obra de Gonçalves Dias foi, no Brasil, a primeira de elevada qualidade depois dos árcades do século XVIII, como concepção e como escrita, principalmente no que diz respeito ao tema indianista.

O tempo desgastou a maior parte de sua obra, como a de todos os contemporâneos, e o que dela restou é hoje relativamente pouco. Pouco, mas bastante para manter a sua posição, devida sobretudo aos poemas indianistas, os únicos realmente belos dessa tendência, não porque

correspondam etnograficamente ao que o índio foi, mas, ao contrário, porque construíram dele uma imagem arbitrária, que permitiu recolher no particular da realidade brasileira a força dos sentimentos e das emoções comuns a todos os homens. (CÂNDIDO, 2002, p. 44).

Segundo Gaudêncio, Bernardes e Melo (2015), Gonçalves Dias é o escritor que mais se aproxima da realidade do povo indígena em seus trabalhos, ou seja, trata da questão indígena sob um olhar próximo à realidade do nativo. Nas obras indianistas do maranhense o nativo é idealizado, é retratado como guerreiro, forte, bravo. Os seus poemas construíram a imagem heroica e nobre dos índios brasileiros na qual suas características são sempre positivas e enaltecida. Tais características eram comuns dos heróis dos romances europeus dotados de valores nobres, “seu índio é muito idealizado e moldado com sentimentos de bravura e de louvor à honra, características que reflete pensamentos de um mundo ocidental, a de um herói cavaleiro medieval” (MAGALHÃES, 2006, p. 03). Segundo a autora, mesmo sendo este poeta, o que mais se aproximou da verdade desse povo, ainda assim, a visão que Dias dá mais próximo da realidade do índio está ligado aos costumes. Podemos notar isso no conto *I-Juca-Pirama* quando o poeta descreve o que veria a ser um ritual de canibalismo ato que era característico da cultura dos nativos daquela época.

Nesta mesma linha de pensamento se situa os autores Gaudêncio; Bernardes e Melo (2015) “É interessante perceber que o poeta na tentativa de se afirmar no indianismo apresenta a linguagem, descreve o cotidiano e a cultura na perspectiva do índio”. Para eles isso se dava pela aproximação que o poeta tinha dos indígenas já que o mesmo descendia desse povo. O mesmo enfatiza Bueno (2007: 66 Apud CANILHA, s. d., p. 08), “descendente, sem dúvida alguma, de índios, como a maioria da população brasileira, além das outras duas raças formadoras da nacionalidade, seu interesse pelas questões dos autóctones americanos sempre foi das mais sinceras”. Nota-se que por ser Dias descendente de índios, esse fato influenciou de forma significativa na escrita do poeta que tratou não só do nativo, mas também do negro escravizado e dos portugueses.

As temáticas adotadas pelo poeta também se referem às três raças que compõem a sociedade brasileira: “o poeta [...] deixou-se influir pela vida dos selvagens, como em *I-Juca-Pirama* e dez outras composições; pelas tradições portuguesas, como nas *Sextilhas de Frei Antão* e em *Leonor de Mendonça*; pelos sofrimentos dos escravos pretos, como na *Escrava* e na *Meditação*” (ROMERO, 1953: 1003 Apud CARNILHA, s. d., p. 3).

Para Carbuglio (2012), o poeta maranhense, além de ser considerado como um dos maiores escritores de todos os tempos, ele também é considerado pela crítica e história literária o fundador da poesia nacional. O mesmo afirma que sua obra vem atravessando o tempo sem conhecer declínio. O poeta foi importante na concretização do movimento dando impulso decisivo ao que teria sido iniciado por seu colega Magalhães e tornando-se referência aos seus sucessores. “Consagrando entre nós aquele movimento literário e dando-lhes bases concretas, se transformou em modelo para os poetas que o sucederam, desde Álvaro de Azevedo até Castro Alves, indicando caminhos e modos de operação” (CARBUGLIO, 2012). Talvez foi o que fez a poeta Maria Firmina dos Reis que pode ter tomado as obras indianistas de seu conterrâneo como inspiração para escrever seu único conto de cunho indianista.

### **3.2 Maria Firmina dos Reis: a poeta ultrarromântica**

Maria Firmina dos Reis nasceu no dia 11 de outubro de 1825, na ilha de São Luis. Filha bastada de Leonor Felipe dos Reis e registrada por João Pedro Esteves. De família pobre, em 1830, a menina mudou-se com sua mãe e a irmã Amália Augusta para a vila de São José de Guimarães para morar com sua tia Heriquieta; além da companhia da mãe e da irmã, tinha também as companhias da prima Balduína e dos ilustres primos Francisco Sotero e Trajano Cândido. Este “foi um profundo conhecedor de assuntos filológicos e um dos maiores professores de latim do século XIX”, e aquele, “foi um renomado jornalista, poeta e escritor” (FURTADO, 2017, p. 10).

Ao ir morar na casa da tia, Firmina pôde estudar desde cedo devido a melhor situação econômica de seus familiares, fato que foi fundamental para sua primeira formação, sem deixar de mencionar a grande influência que seus primos teve na sua vida, como ela mesma sempre citava em seus trabalhos, como, por exemplo, o que ela direciona a Francisco Sotero dos Reis, “a quem deve sua cultura, como afirma em diversos poemas” (LOBO, 1993, p. 224 apud ZIN, 2017, p. 32).

Resultado de sua dedicação aos estudos e a instrução que recebera de seus familiares “em 11 de agosto de 1847, Maria Firmina concorre a cadeira de instrução primária para Guimarães” (FURTADO, 2017, p. 11) na qual foi aprovada conquistando o primeiro lugar e tornando-se a primeira mulher a ocupar o cargo de professora efetiva de primeiras letras no Maranhão, cargo este que ela assumiu formalmente até o início de 1881 quando teve que se afastar de suas atividade pública por ter concluído

seu tempo de trabalho como professora e por apresentar problemas de saúde. Firmina conquistou, como professora, um feito nada comum entre as mulheres numa época marcada pela figura masculina, pois as poucas escolas que existiam no Maranhão eram destinadas apenas a instrução de atividades ligadas ao lar:

[...] as escolas que se dedicavam a instruir as mulheres do período, na instrução escolar, as disciplinas cursadas defendiam a visão de que a mulher devia ser educada apenas o suficiente para torna-se boa esposa e mãe, desse modo, o ensino restringia-se a comportamentos morais e prendas domésticas necessárias à manutenção do lar (CARVALHO; ALVES, 2015, p. 147).

Contudo, mesmo tendo vivido nessa época que submetiam ao papel feminino tais condições, ela optou por enveredar por caminhos diferentes. Porém, essa atitude não a impediu que cumprisse o papel materno, pois mesmo com “poucos rendimentos que dispunha, adotou um grande número de crianças e cuidava dos numerosos afilhados” (FURTADO, 2017, p. 15), mesmo nunca tendo casado.

Maria Firmina estudou, passou em um concurso público, tornou-se professora, e, além destas, sua vida também foi marcada por outras atitudes audaciosas segundo discorre Carvalho e Alves (2015), como: sua intensa participação na imprensa maranhense, e a criação de uma escola mista. Com a sua participação na imprensa, ela publicava diversas poesias e contos em jornais do período, tais como: *O Jardim das Maranhenses*, *O Comércio*, *A Imprensa*, *Eco da Juventude*, *Porto Livre*, *A Verdadeira Marmota*, *Federalista*, entre outros, dos quais foram primordiais para o início de sua carreira como escritora. Essa estreita ligação com a imprensa fez com que ela constituísse “teias de relações que, possivelmente, possibilitaram a publicação de suas obras e sua participação no meio literário” (CARVALHO, 2018). Depois da publicação de seu primeiro trabalho em 1859, Firmina foi colaboradora com seus poemas na antologia *Parnaso Maranhense*, em 1861, sendo esses poemas bem aceitos, pois, já era do conhecimento dos leitores o talento da autora de *Úrsula*.

Para completar sua trajetória, além de ter contribuído de maneira significativa na imprensa maranhense com ficções, crônicas e até enigmas e charadas, a autora atuou como folclorista, na recolha e na preservação de textos da literatura oral; e como compositora, sendo responsável, ao mesmo tempo, pela elaboração, com letra e música, do Hino da libertação dos escravos, de 1888 além de ter contribuído com a criação de algumas canções de caráter folclórico para folguedos populares, como a pastoral e o bumba meu boi (MORAIS FILHO, 1975; DUARTE, 2009 Apud CARVALHO; ALVES, 2015, p. 33).



Além de ter dedicado à sua vida a prestação de serviço público como professora, em 1881, a maranhense fundou no povoado de Maçaricó, nas proximidades da vila de Guimarães, uma escola mista onde ministrava aulas gratuitas dedicada a educação de crianças filhos de lavradores e de alguns fazendeiros, num barracão cedido por um destes fazendeiros. Percebe-se com essa atitude a qualidade de uma mulher que buscava contribuir por meio da educação na transformação daquela realidade a qual pertencia e que cabia a ela como educadora transformá-la, uma “mulher consciente do papel de transformação que poderia desempenhar naquela sociedade” (ZIN, 2017).

Por ter vivido em uma sociedade patriarcal, Carvalho e Alves (2015) destacam que pode ser notável as dificuldades que ela teve que enfrentar ao coloca-se no ambiente que era mais comum aos homens, já que a educação letrada era negado a maioria das mulheres daquele período, sendo “oferecida a poucas e ilustres personagens que hoje podem fazer parte de história da nossa literatura” (Idem, p. 146). Mas, apesar disso, ela se mostrou ousada e foi aos poucos conquistando espaço e se destacando naquele ambiente hostil às mulheres. “A sociedade da qual fez parte por mais de noventa anos espelhou-se na engajada mestra, reavaliaram seus sonhos e perspectivas para o amanhã e decoraram a sua lição maior: O amor exige parceria. Exige esperança. [...] Maria Firmina se deixou ser sinônimo para: *conhecimento*” (FURTADO, 2017, p. 09 e 10 grifo do autor). Todos esses fatos mostram que a escritora era uma mulher muito à frente de seu tempo, pois mesmo inserida em uma sociedade patriarcal ela não se intimidou diante a realidade presente e conquistou seu espaço no meio intelectual, cultural e profissional.

Como escritora, Firmina foi importante contribuinte para nossa literatura com suas poesias e contos que escreveu ao longo de sua vida. Seu primeiro trabalho foi o romance *Úrsula*, publicado em 1859, pela *Tipografia do Progresso* em São Luis, com o pseudônimo “Uma maranhense”. Esta é, atualmente, a obra mais conhecida da autora.

*Úrsula*, sua primeira publicação, é uma narrativa dividida em Prólogo, seguido de vinte capítulos e Epílogo, contando a dramática história de amor entre a menina Úrsula, protagonista da trama, que vivia com sua mãe acamada, em uma decadente propriedade; e Tancredo, personagem que integra a narrativa também como protagonista e vive um romance com Úrsula. Outro personagem de destaque é Fernando P..., antagonista da obra, que se apaixona pela menina, formando, assim, o conflito da história, encadeado pelo triângulo amoroso que gira no primeiro plano da narrativa (CARVALHO; ALVES, 2015, p. 149).

A obra também foi o primeiro romance escrito por uma brasileira. Nele é notável a presença de duas personagens negras e escravizadas que integravam a trama, Túlio e Susana, esta última teve um capítulo dedicado a ela, o capítulo IX: *A preta Susana*. A respeito do romance destacam os autores:

Úrsula não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira [...] mas é também o primeiro romance da literatura afrobrasileira, entendida esta como produção de autoria afrodescendente, que tematiza o assunto do negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em discutir a condição dos negros no Brasil daquele século e também destes tempos de hoje. (MONTEIRO, 2009: 362 apud CARVALHO; ALVES, 2015, p.151).

O segundo trabalho da escritora foi o conto de temática indianista “*Gupeva*”, publicado em forma de folhetim. A primeira versão de *Gupeva, romance brasiliense*, assim intitulado, “foi publicada entre os meses de outubro de 1861 e janeiro de 1862, em São Luís, no periódico semanal *O Jardim das Maranhenses*” (ZIN, 2017, p. 36).

Segundo Carvalho e Alves (2015) “*Gupeva*”:

[...] começa a ser publicado na edição vinte e cinco do jornal *O Jardim das Maranhenses*, sendo precedido no número vinte e quatro por uma nota em agradecimento à escritora, que já contribui para o jornal através de charadas e poesias, e é conhecida pelos leitores assíduos da publicação, que são convidados a apreciar a partir da edição seguinte este trabalho de Maria Firmina dos Reis.

Em 1863, o folhetim completo foi republicado no jornal *Porto Livre* e o mesmo ocorrera em 1865 no jornal *Eco da Juventude*, ambas as versões “contendo ligeiras modificações na forma, mas sem apresentar alterações significativas no que diz respeito ao conteúdo” (ZIN, 2017, p. 36). Sua narrativa é concebida como a concepção fundadora de nação ou identidade nacional, assim como é notável em outras produções do período, ela apresenta, principalmente, o francês como personagem indesejada pelos nativos e voltada para a perspectiva de que não poderia haver encontro harmonioso entre europeus e indígenas, ou seja, “a impossibilidade da união frutífera entre esses povos” (CARVALHO, 2017).

Em 1862, a escritora publica em forma folhetinesca *Elvira. Romance contemporâneo* no jornal *A Verdadeira Marmota*. “Escrito na forma rimada, é um dos primeiros escritos por uma mulher no gênero Literatura de cordel” (FURTADO, 2017, p. 13).

A coletânea *Contos à beira-mar* publicado em 1871, na tipografia do jornal *O Paiz*, “é dedicado à memória da mãe de Maria Firmina dos Reis e conta com cinquenta e seis poesias, [...] o mar e a praia são presenças marcantes nas poesias, esta última transformada em lugar de beleza, meditação ou melancolia [...]” (CARVALHO, 2018).

Anos mais tarde, em 1887, “[...] no auge das campanhas abolicionista e republicana, a escritora lança na *Revista Maranhense*, nº 3, além de novos poemas, o conto *A escrava*” (ZIN, 2017, p. 33). Este conto é outra produção conhecida da escritora que aborda a questão da escravidão no Brasil.

O conto encadeia diversas narrativas, possuindo uma heterogeneidade de vozes enunciando a história. Inicialmente, a trama se concentra num ambiente luxuoso, em meio a uma festa da aristocracia, em que os convidados conversavam, entres outros assuntos, sobre o “elemento servil”, o que provocou variadas opiniões e discussão no salão. (CARVALHO; ALVES, 2015, p. 152).

Conforme Carvalho (2018), além de homenagens a pessoas ilustres, Maria Firmina abordou temas como: a natureza, a desesperança, o sofrimento, o desejo pela morte, os amores não correspondidos, o indianismo, a exaltação da terra e nacionalismo, entre outros temas semelhantes, que caracterizavam o período romântico brasileiro. Todos esses temas podem ser encontrados em seus diversos trabalhos de diferentes gêneros (romances, poemas, crônicas, contos, literatura de cordel, etc.) que a escritora escreveu ao longo de sua vida. Em seus trabalhos, ela denunciava o papel social destinado as mulheres, e aos negros escravizados. Por meio de muitos de seus trabalhos podemos notar que a autora se caracteriza como uma escritora que se encaixa na segunda geração, época em que temas ligados a morte, desilusão, pessimismo, sofrimento exacerbado, religiosidade eram bastante recorrentes.

Quanto a opressão feminina, a escritora “demonstra a compreensão do contexto senhorial, bem como desnuda sua concepção sobre a sociedade do período em relação as mulheres, utilizando de uma “estratégia irônica”, por meio do qual se coloca em lugar subalterno para poder romper com o emudecimento imposto” (CARVALHO, 2018). Com relação a imagem do escravo ela a constrói em outra perspectiva, “visto como um ser que tem individualidade, que seus personagens são colocados em igualdade, revelando convicções políticas, pois estava além de seu tempo, apresentando seu pensamento sobre a escravidão” (FURTADO, 2017, p. 45). Também tratou do indianismo em seus escritos. Além de *Gupeva*, a maranhense

publica duas poesias relacionada à temática *A Índia (Episódio)* e *O canto do Tupi*, ambas publicadas, respectivamente, no *Porto Livre*, em 1863, e *Echo da Juventude*, em 1865. E ainda traz o poema *Por ocasião da tomada de Villeta e ocupação de Assunção* com o mesmo tema em sua obra *Cantos à beira-mar*, em 1871.

Atualmente, a voz de Maria Firmina ganha cada dia mais volume. À título de exemplo, citamos o livro *Maria Firmina do Reis: faces de uma precursora*, publicado no final de 2018, pela editora Malê. Este livro reúne ensaios e artigos de autores que tem se dedicado a construir a fortuna crítica de Firmina, pois ainda há muito a se conhecer. Nesse sentido, advoga-se o reconhecimento desta autora maranhense no âmbito do romantismo brasileiro, sem restringi-la a uma única fase deste período. Assim, esta pesquisa apresentou apenas uma face desta precursora, a face de uma escritora indigenista, que, assim como Gonçalves Dias, deve ser reconhecida como tal.

Mesmo não sendo o foco deste trabalho abordar sobre as questões que levaram ao sumiço da escritora das páginas literárias nacional e principalmente, a maranhense, isso se faz necessário até para compreendermos o porquê de ela não ter sido reconhecida como escritora, apesar de ter tratado de um dos temas mais recorrente da estética romântica que é o indianismo. Nota-se, à priori, que a falta de reconhecimento da escritora, durante um longo período, não está relacionada com a falta de contribuição da autora para a área literária, nem tampouco para a sociedade, porque ela foi uma mulher atuante em seu tempo, mesmo que tenha vivido, “num tempo em que o sectarismo estabelecia as regras, tenham surgido preconceitos e incompreensões de toda espécie” (FURTADO, 2017, p. 43). Professora, folclorista, escritora, considerada a primeira romancista brasileira, Firmina se destacou principalmente com sua escrita de cunho abolicionista em alguns de seus principais trabalhos, como exemplo, o romance *Úrsula* e o conto “A Escrava”. Contudo, ela tem uma produção literária que ainda precisa ser estudada e reconhecida.

O silêncio que se faz em torno de Firmina pode estar atribuído a diversos fatores. A começar pelo fato de ela ter sido uma pessoa desfavorecida em termos econômicos. Ainda na infância, ela teve que se mudar para casa de sua tia, onde também teve apoio para estudar. E como professora, não conseguiu garimpar muitos recursos financeiros.

Dentre os fatores que podem ter mais relação com o esquecimento de Maria Firmina, acreditamos que está o seu gênero, ou seja, por ela ser mulher. E mais que

isso, por ser ela uma mulher engajada socialmente, que procurava se estabelecer “numa época em que o homem fazia alarde da proclamada superioridade do sexo” (FURTADO, 2017, p. 44), e cabiam às mulheres saberes que se restringiam ao âmbito doméstico, para que pudessem dedica-los ao lar. Mas, Firmina não aceitou o lugar destinado para as mulheres, ou melhor, ela foi muito além. Era uma mulher muito à frente de seu tempo. Estudou, tornou-se escritora, teve participação ativa na imprensa maranhense, contribuiu com a cultura local, etc., feitos que eram conquistados por poucos naquela época.

## 4 ANÁLISE DAS OBRAS

Este capítulo tem o objetivo de analisar o poema *I-Juca-Pirama* (1851), de Antônio Gonçalves Dias e o conto *Gupeva* (1861), de Maria Firmina dos Reis, sobretudo, os aspectos indianistas presentes nas obras dos autores tomados neste estudo como representantes do romantismo brasileiro.

### 4.1 I-Juca-Pirama

Por se tratar de um texto romântico e, acima de tudo, indianista, a análise do poema *I-Juca-Pirama* do poeta maranhense tem o objetivo de explicitar características românticas, sobretudo, indianista, para que posteriormente sirva de parâmetro quanto a esses aspectos no conto *Gupeva*, escrito por Maria Firmina, em 1861, apresentando, desta maneira, a mesma temática.

Para esta análise foi utilizado o texto retirado da **Coleção L&PM POCKET**, v. 67, Porto Alegre, 2016, que traz também o poema *Os Timbiras*. O mesmo apresenta uma grafia de acordo com o novo acordo ortográfico e com notas de rodapé para explicar termos de origem indígena. É preciso levar em consideração tais informações, pois a primeira edição, de 1851, apresentava uma linguagem mais clássica, diferente da de hoje.

*I-Juca-Pirama* é considerado o mais perfeito poema épico-indianista de nossa literatura. O título do poema já dá indicativas aos acontecimentos posteriores, pois o mesmo, traduzido do Tupi para o Português é válido como “*o que há de ser morto*”. Ele narra a trajetória de um índio da tribo Tupi que foi aprisionado pela tribo Timbiras. Esse fato se deu porque o guerreiro Tupi e seu pai se encontravam em território alheios e em uma certa ocasião, esse guerreiro foi capturado e levado ao seio da tribo Timbira para que passasse pelo ritual, que é um processo canibal pelo qual passava todo guerreiro que era preso, pois isso fazia parte da cultura indígena. Antes que se cumpra o ritual é necessário que o prisioneiro cante suas façanhas ao longo da sua vida. No poema, no chamado “*canto de morte*” o guerreiro prisioneiro confessar seus feitos e pede para que seja libertado porque anda com seu pai que já se encontra velho e cego e, nessa condição, precisa de sua ajuda para viver. O tupi alega que retornará à tribo inimiga quando seu pai morrer para que o ritual se cumpra. Com essa atitude, o guerreiro é acusado de covardia e é libertado, pois a carne de um fraco não

pode alimentar um forte. Ou seja, sendo o tupi um fraco e tendo chorado diante da morte, o mesmo não poderia servir de alimento aos fortes, pois poderia os contaminar com sua fraqueza. Ao retornar ao pai, o velho desconfia, pela demora do filho que algo havia acontecido. O filho confessa ao pai que havia sido preso, e que teria sido libertado pelos inimigos quando descobriram que ele tinha em sua companhia seu pai velho e debilitado. O velho índio não aceita a versão do filho e resolve entregá-lo a tribo, pois o que ali estava ocorrendo não era o habitual, já que uma vez capturado não se tinha nenhuma possibilidade de escapar, a não ser, lutando. Resta que, ao está na presença dos adversários, o velho índio descobre que seu filho chorou diante de seus inimigos e pediu para que fosse libertado. Com isso, o velho tupi renega seu filho, que é entregue aos inimigos. O guerreiro tupi é obrigado a lutar. E lutou bravamente pela sua vida. A tribo timbira ao perceber que o choro do tupi não foi por covardia e fraqueza, interrompeu o sacrifício.

– Basta! Clama o chefe dos Timbiras,  
 – Basta, guerreiro ilustre! Assaz lutaste,  
 E para o sacrifício é mister forças. – (p. 27)

A história finaliza com o resgate das memórias de um velho guerreiro da tribo Timbira que narra aos mais jovens as façanhas de um certo guerreiro tupi que passara por ali.

Assim o Timbira, coberto de glória,  
 Guardava a memória  
 Do moço guerreiro, do velho Tupi.  
 E à noite nas tabas, se alguém duvidava  
 Do que ele contava,  
 Tornava prudente: "Meninos, eu vi!" (p. 28).

O poema é composto por dez cantos, nos quais, em sua maioria, o poeta se utilizou da rima, ritmo, musicalidade, etc., tudo proporcionados pela escolha cuidadosa das palavras. Quanto a métrica, o poeta apresenta uma metrificação variada que é condicionada pelos acontecimentos no decorrer da história, “o movimento do poema é expresso pela variação de metros e ritmos em diferentes combinações estróficas, tudo admiravelmente adequado à modulação das emoções” (CÂNDIDO, 2002, p. 45). Ou seja, o que se percebe é que o poeta não optou pelo o total desprezo da metrificação dos versos, apesar de isso ser um dos pontos característicos do movimento vigente na época, mas por adequá-las de acordo com o que estava sendo narrado. Quanto as palavras, ele apresenta um vocabulário lusitano mesclada ao

emprego de diversas palavras indígenas; outras somente com o pretexto de rimar; e algumas palavras que não integravam mais o vocabulário vigente na época.

O poema é iniciado com uma breve descrição do ambiente onde irá ocorrer um ritual de canibalismo que envolve a tribo Tupi (dominadora) e a tribo Timbiras (dominada). Eis o trecho, (Canto I – 1ª estrofe):

No meio das tabas de amenos verdores,  
Cercadas de troncos – cobertos de flores,  
Alteiam-se os tetos d’altiva nação;  
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,  
Temíveis na guerra, que em densas coortes  
Assombram das matas a imensa extensão (p. 11).

Podemos observar nos dois primeiros versos a localização de onde se passará os fatos narrados. O local se trata de um lugar de vegetações viçosas, floridas onde é localizada “os tetos”, ou seja, as habitações da tribo dominadora. Nestes versos, mesmo que breve, podemos observar uma das características que predominavam no romantismo: a natureza. A natureza foi um dos elementos nacionais que passaram a ser valorizados pelos escritores durante o movimento romântico. O deslumbramento ao descrevê-la é notável em várias produções literárias nas quais apresentam riquezas de detalhes.

Em seguida, os nativos são apresentados ao leitor. Observemos trechos do poema em que fica evidente as características da tribo Timbiras (Canto I – 2ª e 3ª estrofes):

São rudes, severos, sedentos de glória,  
Já prélios incitam, já cantam vitória,  
Já meigos atendem à voz do cantor:  
São todos Timbiras, guerreiros valentes!  
Seu nome lá voa na boca das gentes,  
Condão de prodígios, de glória e terror!

As tribos vizinhas, sem forças, sem brio,  
As armas quebrando, lançando-as ao rio,  
O incenso aspiraram dos seus maracás:  
Medrosos das guerras que os fortes acendem,  
Custosos tributos ignavos lá rendem,  
Aos duros guerreiros sujeitos na paz (p. 11).

Assim como a natureza, a temática do poema nos revela outra característica em voga no romantismo: o indianismo. O indianismo consistia no emprego do índio no meio literário, seja em sua autenticidade ou idealizado. Foi um dos mais expressivos elementos nacionais com destaque na escrita da primeira geração romântica, e isso se dava, principalmente, pelo interesse que os românticos tinham



pelo resgate de suas origens, já que era um dos elementos mais presentes aqui. Então, ao invés de valorizar o que vinha de fora, os autores optaram por valorizar o que tínhamos de melhor em território brasileiro, neste caso, o índio era um desses elementos que foi bastante explorado na busca por uma literatura genuinamente brasileira. Nesse propósito o nativo passou a povoar as páginas literárias em diferentes concepções: corrompido, idealizado ou parcialmente idealizado, etc., porém, na condição de símbolo de nacionalidade.

Nas estrofes apresentadas o poeta faz uma descrição da tribo timbiras que é formada por guerreiros, valentes, temíveis pelas tribos vizinhas e que estão sempre prontos para ganhar as batalhas. A princípio o que se pode notar do índio gonçalviano nos trechos supracitados, é a forma de como o poeta apresenta esse indígena, procurando ser fiel a realidade a qual o nativo pertence. Assim, o poeta não o coloca como um simples símbolo exótico, nem tampouco como superior ou inferior ao homem branco ou como um super-herói dotado de valores nobres. Mas sim, em sua autenticidade, rústico, selvagem, exaltado dentro de sua própria cultura a cumprir o que lhe era de costume, em seu estado natural.

Feito isso, Dias descreve com detalhes, ao longo dos contos I, II e III, todos os preparativos para o ritual até o momento em que é concedido a fala ao prisioneiro para que diga quem é e o que fazia em terras alheias.

Após a apresentação do espaço que abriga a tribo dominadora, no último verso da 4ª estrofe, surge o principal personagem que desencadeará todos os acontecimentos da história. *Um índio infeliz* que pertence a tribo Timbira sobrevivente de guerras que se aventurava com seu pai, velho e doente, por terras desconhecidas e que em certa ocasião caiu prisioneiro da tribo inimiga. Nessa condição, a morte era seu destino provável e, à tribo senhora, restava os preparativos da festa. Após ter conduzido e preparado o forasteiro para o ritual, a tribo senhora ordena que ele cante seus feitos ao longo de sua vida. Diante dessa realidade o prisioneiro se vê na condição de morrer lutando ou apelar pela sua vida para dedicá-la aos cuidados ao pai idoso. Então o índio, em seu canto de morte, pede aos inimigos que o deixe viver com a condição de se entregar a eles após a morte de seu pai.

Eis mais um trecho do poema (Canto IV - 12ª estrofe):

Não vil, não ignavo,  
Mas forte, mas bravo,  
Serei vosso escravo:  
Aqui virei ter.

Guerreiros, não coro  
 Do pranto que choro:  
 Se a vida deploro,  
 Também sei morrer (p. 18).

Neste trecho podemos identificar fato semelhante ao que foi designado aos indígenas da tribo timbira, ou seja, o forasteiro apresenta-se como forte, bravo e mesmo destinado à morte. Mais uma vez Dias apresenta a realidade do índio que neste caso é prisioneiro, porém guerreiro; sabe que vai morrer, mas pede em favor de sua vida porque teme em deixar seu pai sozinho, prometendo voltar depois para que se cumpra o ritual.

Após ter sido preso, preparado para a morte e contado sua história diante da aldeia timbira, o forasteiro é solto acusado de covardia ao falar das condições em que seu pai se encontrava. Ao retornar o pai logo percebeu que algo de errado havia acontecido com seu filho pois o mesmo havia demorado. Percebendo que o jovem havia sido capturado por tribos inimigas, o velho acha estranho ele ter retornado já que uma vez capturado é realizado o ritual antropofágico, ou seja, ele deveria ter servido de alimentos para os outros guerreiros. Um fato muito curioso nessa passagem deve ser levado em consideração quando tratamos da cultura indígena, que é a atitude do pai do jovem tupi (que já apresentava pouca visão) em saber que ele havia sido preso. O pai descobriu o que havia acontecido com seu filho não somente pela demora do filho ao retornar ao seu encontro, mas sim pelo “odor das frestas tintas” que eram usadas no ritual. Outro ponto que também demonstra essa fidelidade a cultura indígena é o momento em que o velho índio resolve entregar seu filho a seus inimigos para que se cumprisse a tradição. Nesse momento o pai acaba descobrindo que o filho chorou diante da morte. Em consequência disso, o pai rejeita seu filho pela atitude covarde que teve. A seguir um trecho do poema em que aparece a rejeição do pai em relação ao seu filho, (Canto VIII – 1ª estrofe):

Tu choraste em presença da morte?  
 Na presença de estranhos choraste?  
 Não descende o covarde do forte;  
 Pois choraste, meu filho não és!  
 Possas tu, descendente maldito  
 De uma tribo de nobres guerreiros,  
 Implorando cruéis forasteiros,  
 Seres presa de via Aimorés (p. 25).

Tal rejeição se deu devido ao fato que um guerreiro jamais deverá chorar diante dos inimigos, porque essa atitude advém dos fracos, mas sim que deveria ter lutado até o fim de suas forças em defesa da honra de sua tribo.

Podemos observar ao longo do poema que mesmo se tratando do embate entre duas tribos não é evidente a presença de características superiores do personagem principal em relação aos demais. Também notamos que o poema traz não só em suas linhas, mas em sua entre linhas características que vão intensificar a temática do índio no texto de Dias.

## 4.2 Gupeva

O texto utilizado nesta análise foi retirado da edição comemorativa do Centenário de Falecimento da autora, intitulado **Memorial de Maria Firmina dos Reis**, de Lucciani M. Furtado, publicado em 2017, pela Editora Uirapuru. A análise do conto tem o objetivo de advogar que o conto *Gupeva* apresenta características romântica, sobretudo, indianista tais como podem ser observadas no clássico de Dias. Porém, o seu conto não alcançou o mesmo reconhecimento que o poema do escritor teve ao longo do tempo. Nem mesmo a sua trajetória poética da escritora obteve força para atravessar as décadas com a mesma vivacidade que a de Dias, ou seja, suas produções não permanecessem vivas na memória literária para que viessem ocupar lugar entre os clássicos da literatura brasileira, como, por exemplo, o poema *I-Juca-Pirama* de seu conterrâneo, que é um entre os mais importantes textos escritos pelo literato maranhense. Maria Firmina dos Reis é a autora do primeiro conto indianista produzido por uma mulher maranhense que se tem conhecimento na história da literatura brasileira. *Gupeva, romance brasiliense* teve sua primeira versão publicada no periódico semanal *O Jardim das Maranhenses* em 1861.

O enredo da narrativa está situado na história de um amor trágico em que dois jovens se apaixonam sem saber que o amor entre ambos seria impossível. O primeiro jovem se trata de Gastão, um marinheiro francês que a serviço no Brasil, cai de amores por uma indígena brasileira. O segundo, trata-se da jovem indígena Épica, da tribo tupinambá, que habitava às imensas matas do litoral da Bahia, e a quem o jovem mantém um amor arrebatador. Essa impossibilidade amorosa vai muito além da ordem social, ou seja, motivado por diferença de classe, por ser os jovens, um europeu, nobre, e o outro, uma selvagem, pagã, sem educação.

Outros personagens importantes compõem a trama. Alberto que é amigo e companheiro de trabalho de Gastão e que tenta a todo custo fazer com que Gastão desista do amor que sente por Épica; Épica mãe personagem chave para o fluxo da narrativa, esta que aparece no conto por meio de *flashbacks*, quando o índio conta todo o passado da mãe da moça a Gastão; Gupeva, o pai de criação de Épica e que tem o papel fundamental de mostrar ao leitor, o motivo pelo qual o amor entre os jovens seria infrutífero. Tal fato se dá porque ambos os jovens seriam meio irmãos, já que o pai de Gastão também é o pai biológico de Épica, a mesma sendo fruto de uma relação abusiva cometido por um francês à sua mãe que também se chamava Épica quando ela se encontrava em viagem pela França. Ao retornar, Épica (mãe) revela ao seu companheiro, após casa-se com ele, que não é mais pura e que trazia em seu ventre o fruto de um relacionamento que aconteceu em terras longínquas. Perdoada pelo esposo, Épica (mãe) veio a falecer após o nascimento da menina. Gupeva cuida da filha até o exato momento em que encontra Gastão nas matas ao redor de sua tribo à espera da jovem. O clímax da trama está centrado no momento em que, após lembrar todo o passado de sua mulher, Gastão descobre que é meio irmão de sua amada e em seguida o velho índio mata o jovem em vingança a memória de sua mulher. A narrativa finaliza com a morte dos três personagens principais que compõem o conto: Gupeva, Épica e Gastão, um final trágico em decorrência da transgressão dos pais dos jovens.

Ao lermos o conto, logo de início podemos notar que a natureza é o primeiro elemento a estar empregada na obra Maria Firmina. “Uma tarde de agosto nas nossas terras do norte tem um encanto particular” (p. 284), para descrever essa paisagem a qual “gozavam com delícias os habitantes da Bahia” (Ibidem) a escritora se apropria de um profundo lirismo. É como se aquelas terras fosse o único lugar no mundo a proporcionar tal exuberância aos olhos humanos e que aquele que nunca as tivesse contemplado, “não conhece na vida o que há de mais belo, mais poético, não conhece a hora do dia que o Criador nos deu para esquecermos todas as ambições da vida [...]” (Ibidem). Em outras palavras, aquele lugar era único, paradisíaco, com beleza inigualável, era um paraíso ainda intocável, puro, pouco habitado por estrangeiros.

Vejamos um trecho do conto:

o que a goza, esse advinha os prazeres do paraíso, sonha as poesias do céu, escuta a voz dos anjos na morada celeste; [...], ama o seu Deus e lhe dispensa afetos porque nessa hora como se a face do Senhor se nos patenteia nos desmaiadores raios do sol, no manso gemer da brisa, no

saudoso murmúrio das matas, na vasta superfície das águas na ondulação mimosa dos palmares, no perfume odorífero das flores, no canto suavíssimo das aves, na voz reconhecida da nossa alma! (REIS, 1861 apud FURTADO, 2017, p. 284).

Firmina dedica vários parágrafos do capítulo 1 à descrição e exaltação da beleza natural daquela região, mostrando que a natureza foi um dos temas importante e bastante explorado na construção narrativa de *Gupeva*, que além de apresentar os recursos naturais litorâneo, ela ainda os exaltava. Coisa parecida pode ser visto nos demais capítulos. Ao passo que vai narrando os acontecimentos, a autora contextualiza o enredo de modo a evidenciar aspectos do cenário local. Faz a apresentação do ambiente, principalmente, quando há mudança dos fatos, seja no plano temporal ou espacial, como podemos observar no trecho de quando a narrativa sai do navio onde conversavam os dois jovens amigos e passa para o momento em que Gastão vai ao de Épica, já no capítulo 2, ela mais uma vez faz toda uma descrição do lugar, “[...] noite escura e feia. Atmosfera estava baixa e carregada, as nuvens ameaçavam tempestade. O mar quebrava-se raivoso nas praias e o vento gemia nas solidões das matas” (p. 292). Ou quando Gupeva rememora a história de sua amada ao jovem francês dizendo, “era uma tarde bela como o foi a de hoje, mais bela talvez, porque era então a lua das flores [...]. Sim, era uma tarde de elevadora beleza; nela havia sedução e poesia, nela havia amor e saudade” (p. 297). Nota-se no decorrer do texto que a escritora se apropriava de atributos próprios dos seres humanos para caracterizar os elementos da natureza, tais como, “no manso *gêmer* da brisa; o disco do sol amortecido em seu último alento *beijava* as enxárcias de um navio ancorado; o sol de agosto animador, e *grato* declinava já seus fulgidos raios; no ocaso ele derramava um derradeiro *olhar* sobre a terra” (p. 284 e 284, grifo meu).

Após expormos um pouco sobre a forma de como a escritora tratava as questões ligadas a natureza, abordaremos agora a respeito de outros aspectos românticos do texto. No conto de Firmina se faz presente outros traços da filiação romântica: os sentimentos arrebatadores, o clássico amor romântico, a idealização da mulher amada, o sofrimento amoroso, o indianismo, etc.

Observe um trecho do conto.

— Esquecê-la! — exclamou o moço apaixonado, - Nunca!  
[...].

— Pede à terra que esqueça seu constante movimento, ao vento que cesse o seu girar contínuo, as flores que transformem seus odores em pestilentos cheiros, as aves que emudeçam as gaias da madrugada. — Murmurou Gastão com melancolia.

[...].

— Não, - redargui o triste, - sinto que hei de amá-la em quanto me animar um átomo de vida. Sinto que seu nome será o derradeiro que hei de pronunciar a hora da morte, sinto que... (REIS, 1861 apud FURTADO, 2017, p. 287 e 288).

Podemos contemplar nesta passagem o exagero na forma de expressão sentimental. Um sentimento que domina o sujeito ao ponto de agir de modo possesso diante dos fatos. Abandonar sua amada seria algo impossível, esquecê-la, jamais, nem mesmo que tivesse que “afrontar a maldição paterna”, [...] e que “ela houvesse de cair sobre minha cabeça, eu não poderia esquecer a mulher a quem dedico todo o meu coração” (p. 288). Esse sentimentalismo é um dos elementos cruciais da trama, já que se trata de uma história de amor. Outro ponto que aparece em destaque no conto é a questão da ideia da morte. A morte era entendida como uma das formas de acabar com o sofrimento do amor irrealizável. Um jovem que nutri por uma índia um amor arrebatador que o faz desistir de sua própria vida em nome desse sentimento. “— Obrigado, Gupeva, eu queria a morte. [...] — Cacique, eu podia matar-te, mas para que queria eu a vida depois do que me acabasse de narrar?...” (p. 307). A morte era vista como algo positivo, pois era a solução para o término do sofrimento do rapaz.

Outra característica predominante em Gupeva é a idealização absoluta da realidade, principalmente, a imagem feminina, a natureza, os valores. Observe:

[...] Alberto, eu a tenho aqui no coração. É ela a mulher dos meus sonhos, da adolescência. É a visão celeste e arrebatadora da minha infância, é o anjo que presidiu o meu nascimento. Alberto, que a poderá resistir? Louco a quem conhecendo não lhe render eterna vassalagem. Anjo na beleza e na inocência, anjo na voz, nas maneiras; é ela superior às filhas vaporosas da nossa velha Europa. Épica é seu nome. No seu rosto, Alberto, se revela toda a candura da sua alma e toda singeleza dos costumes inda tão virgens da inculta América. [...] Seus grandes olhos negros de doçura inexplicável falam à alma com suavíssima poesia: são arpejos da lira harmoniosa ou notas de anjos em torno do Senhor. E esse olhar seu exprime um quê de indizível pureza que obriga a adorá-la; como se adora a Deus. Alberto de joelhos suplicarias a essa mulher angelical, se a visses, perdão de a não teres amado mesmo sem conhece-la, desde o dia em que começou a tua existência. (REIS, 1861 apud FURTADO, 2017, p. 289).

Neste caso, a imagem e os valores da mulher amada é totalmente idealizada. Épica, a mulher virginal, intocável, angelical que habitava o coração do enamorado.

O romantismo apresenta uma mulher sublime, perfeita, desejada, de beleza irresistível, divina que é projetada nos sonhos e no imaginário do sujeito que a ama. Resultado da ideia de que o amor sexual era destrutivo, negativo e corruptível, é que, além da figura feminina, o sentimento amoroso, também é outro fator que se apresenta

totalmente idealizado, pois em muitos dos casos esse sentimento não poderia ser consumado. “Ah! Se o homem pudesse em toda a sua vida amar assim tão pura e santamente com esse amor que então animava o coração do jovem Gastão [...]” (p. 293). Observe nesta passagem do texto um, de vários exemplos, de como Firmina apresentava o deleite amoroso do jovem por uma moça idealizada.

Além das características já mencionadas e outras que não serão aqui explicitadas, o conto de Firmina traz mais duas das mais importantes características do Romantismo, o indianismo e o nacionalismo. Ambos tiveram seu apogeu na primeira fase do romantismo, fase marcada pela divulgação do novo período literário.

O nacionalismo é a consciência partilhada que um determinado grupo de indivíduos sente em relação a uma terra que possui uma cultura e uma história marcada por eventos comuns. No conto fica evidente que a escritora se apropria de diversas formas para elevar os elementos nacionais, seja a natureza, uma vez que ela enaltecia as belezas naturais; o índio, que tinha sua imagem divulgada em textos literários; ambos elevados como principais constituintes básicos na definição do processo de formação de uma identidade nacional.

No que se refere ao indianismo — termo referente ao emprego da imagem do índio em textos literários — é nítido que o conto se apresenta fiel a essa corrente, fortemente empregada na primeira fase romântica, visto que, nele expõe aspectos particulares desse povo, tal como o que é mencionado por Gupeva ao ter com Gastão, “Eu podia prender-te; aqui estás a suçurrama. Podia apresentar-te a minha tribo e fazer-te morrer como meu prisioneiro, mas não quero” (p. 305 e 306). Podemos relacionar o discurso do velho cacique ao que ao que se passa em *I-Juca-Pirama*, (Canto I – 6ª estrofe, v.1 e 2; Canto III – 2ª estrofe):

"Eis-me aqui", diz ao índio prisioneiro;  
 "Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,  
 "As nossas matas devassaste ousado,  
 "Morrerás morte vil da mão de um forte."  
 Vem a terreiro o mísero contrário;  
 Do colo à cinta a muçurana desce:  
 "Dize-nos quem és, teus feitos canta,  
 [...] (p. 15).

O poema traz a história de um jovem guerreiro indígena que é preso por uma tribo inimiga e que vai passar por todo um ritual de morte, já no conto, é narrado a história de amor entre dois jovens de culturas diferentes, porém é enfatizado na fala do índio Gupeva a forma correta de como deveria proceder todo o processo

relacionado aos prisioneiros. Tanto no poema quanto no conto podemos ver descrito o ritual muito habitual as tribos indígenas daquela época, o ritual antropofágico. No primeiro caso fica bem evidente todo o processo, já no segundo caso, vemos isso em uma passagem breve, porém importante, pois demonstra aspectos fundamentais da cultura indígena caracterizando a obra de Firmina como indianista.

Uma particularidade que pode ser encontrada na maioria dos trabalhos dos escritores indianistas é o fato de eles mostrarem o contato entre duas culturas distintas, a indígena e a europeia, como pode ser visto no trecho abaixo:

— Que loucura, meu amigo – que loucura a tua apaixonares-te por uma indígena do Brasil; por uma mulher selvagem, por uma mulher sem nascimento, sem prestígio. Ora, Gastão, sê mais prudente; esqueça-a.  
[...]  
— E por quê?  
— E por quê?! Porque ela não pode ser tua mulher, visto que é muito inferior a ti. Por que tu não poderás jamais viver junto a tua carreira na marinha, a menos que desprezando a sociedade te quisesse concentrar com ela nestas matas. Gastão, em nome de nossa amizade, esquece-a (REIS, 1861 apud FURTADO, 2017, p. 287).

O enredo é constituído pela presença dos indígenas da tribo tupinambá, bem como a presença dos colonizadores europeus, portugueses e francês.

Nota-se aspectos indianista na descrição da natureza que, ao que se percebe, era quase intocada pelos estrangeiros onde “corria o moço fadigado por entre as árvores copadas da velha América” (p. 292), ao encontro de sua amada Épica. “Por essas sendas tortuosas, por essas brenhas quase virgens de uma habitação do homem civilizado, por esses lugares que já não tendo aqui e ali a selvagem beleza de uma mata virgem não tinha em parte alguma o caráter de uma povoação, [...]” (p. 292). Ao descrever a natureza, neste caso, podemos ter noção de como era aquelas terras onde habitavam os indígenas. O mesmo acontece no trecho que narra o ambiente nas proximidades da aldeia de Épica, onde se encontrava Gastão à espera da moça, que assim diz:

À direita, a uns cem passos de distância avultava uma cabana, cujo teto coberto de pindoba era sombreado por palmeiras simultâneas [...]. À esquerda erguia-se um pequeno rochedo. A sua base serpeava uma ligeira corrente, deslizando suas mansas águas por sobre a areia e pedrinhas [...]. (REIS, 1861 apud FURTADO, 2017, p. 293).



Por meio dessa descrição, o leitor pode ter contato com aquilo que ele talvez jamais poderá ter contato fisicamente, fazendo com que ele tenha conhecimento sobre a forma de moradia que se estabelecia naquele período.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado nos capítulos anteriores, o romantismo brasileiro foi um movimento que se concretizou em meados do século XIX, sendo o mesmo muito importante para a literatura brasileira, visto que, foi nesse período que de fato se teria iniciado a proposta de uma literatura propriamente nacional. Nesse período o Brasil se encontrava diante de diversas mudanças que abarcava desde as questões políticas às questões intelectuais. Em meio a tantos movimentos é importante destacar que o país se encontrava num processo de afirmação identitária e “o Romantismo será a estética que terá o fator decisivo para balizar as questões inerentes a esse processo” (RIBEIRO, 2016, p. 256). Contudo, foi nesse mesmo espaço que se destacou dois literatos maranhense: Antonio Gonçalves Dias e Maria Firmina dos Reis.

Dias foi e é, até os dias atuais, um dos mais reconhecidos poeta da história de nossa literatura, um poeta que abordava em seus escritos várias temáticas relacionadas às questões contextuais daquele período histórico, contribuindo enquanto literato, nesse processo de construção identitária pelo qual o país se encontrava. Em sua trajetória, sua escrita indianista foi de grande destaque já que escreveu vários poemas abordando o tema em destaque. O autor foi um dos mais, senão, o mais importante escritor indianista da tendência romântica, sendo o principal representante da primeira geração conhecida como *nacionalista* ou *indianista*, na qual se pregava um forte sentimento nacionalista; se buscava resgatar a figura do nativo para se firmar na proposta de construção dessa nova literatura, esse nativo era idealizado carregado de valores nobres e era o representante ideal de nacionalidade para essa nova etapa.

Também foi no referido período que se sobressaiu os trabalhos da maranhense que também não deixou a desejar a seu público. Maria Firmina, assim como Gonçalves Dias, enveredou por temáticas indianistas. Porém, suas produções se resumiram em *Gupeva* e algumas poesias, enquanto que Dias foi um profundo escritor e conhecedor da cultura indígena. Mas, o pouco que Firmina escreveu não a desmerece como escritora indianista, pois seu conto foi muito bem aceito no meio leitor, principalmente, naquela época. O conto de Firmina pode ser entendido como a versão do ideário da formação da nação brasileira na concepção da autora, que apresenta em sua narrativa a impossibilidade dessa origem surgir entre os francês e indígenas. Essa aversão aos franceses pode decorrer da invasão que a província do

Maranhão sofreu nos tempos de colônia. Fato semelhante pode ser identificado no conto como o episódio vivido por mãe de Épica, uma vez que foi seduzida e de certa forma “invadida” por um certo francês, e que posteriormente veria a trazer consequências irreparáveis na vida das futuras gerações, que foi o caso de Épica e Gastão que tiveram que pagar o preço pelos atos inconsequentes de seus pais.

Apesar de ser maranhense, o que se percebe do texto de Firmina é que ela se aproxima mais das obras do romancista José de Alencar, quando se leva em conta a forma de abordagem do índio. Um índio totalmente idealizado, corrompido, que está mais próximo dos costumes europeus do que da cultura indígena. Um índio capaz de abandonar seus costumes em favor da cultura do outro, apesar de Firmina mostrar o contrário no caso de Gastão já que era ele quem queria largar tudo em nome de seu amor pela nativa. No conto fica notável que Firmina apresenta uma estreita relação quanto ao conhecimento indianista, fato que ela deixa claro em várias passagens em *Gupeva*. Como exemplo dessas passagens temos a presença dos personagens Caramuru e Paraguaçu de *Caramuru* (1781) do Frei José de Santa Rita Durão. O conto apresenta, influências das obras do romancista José de Alencar, “*O Guarani* (1857) e *Iracema* (1860), que, até onde se pode supor, devem ter lhe servido como inspiração” (ZIN, 2017, p. 06). Além dos dois autores mencionados, *Gupeva* apresenta, ainda, influências do próprio *I Juca Pirama* de Gonçalves Dias, ou seja, demonstra que Firmina teve contato com o trabalho de seu conterrâneo. E isso se faz, não somente pelo fato por se tratar o conto da mesma temática que o poema, mas, sim por outros elementos que pode ser observado em comum entre os dois textos, como já foi mencionado anteriormente. Todas essas influências foram fundamentais para a escrita indianista da escritora.

Portanto a realização deste trabalho objetivou apresentar por meio da análise do poema “I -Juca-Pirama”, de Gonçalves Dias, e do conto “Gupeva”, de Maria Firmina dos Reis, que ambos se tratam de produções literárias indianistas, ou seja, as duas apresentam idealizações dos indígenas, o que caracterizou a primeira fase do romantismo brasileiro, que recorreu a figura do índio como um herói nacional. Isso se fez necessário para que pudéssemos destacar o trabalho indianista desenvolvido pela escritora maranhense, com a ressalva, de que ela que ficou as margens do cânone literário brasileiro, sobretudo, da região a qual pertencia. Dessa forma, este trabalho traz a lume outra questão que pode ser melhor trabalhado em outra ocasião, que é o fato do desaparecimento da escritora Maria Firmina da história literária, intelectual e

cultural, como ressalta alguns pesquisadores, principalmente, depois de sua morte. O fato é que Firmina mesmo tendo sido bastante influente nos oitocentos e tendo contribuído nos mais diversos âmbitos sociais, a escritora caiu no esquecimento por muito tempo. Já Gonçalves Dias que também possuía grande notoriedade nacional, atuando em diversos âmbitos da sociedade brasileira permaneceu visível mesmo após sua morte, tendo suas obras lidas, citadas e glorificada ao longo da história literária.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. Romantismo no Brasil. Primeira geração: literatura e nacionalidade. In: ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. Português: **contexto, interlocução e sentido**. – 2. ed. – São Paulo: Moderna, 2013

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015. 567 p.

CÂNDIDO, Antonio. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002. 105 p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Bm7gfkCdPHwC&oi=fnd&pg=PA5&dq=o+romantismo+brasil+de+Antonio+C%C3%A2ndido&ots=DhvnE9V1Jv&sig=TujJ0X3YdbviHOilrRnrhrP56u4#v=onepage&q=o%20romantismo%20brasil%20de%20Antonio%20C%C3%A2ndido&f=false>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

CANILHA, Samla Borges. **Um poeta nacional: rastreando Gonçalves Dias em textos de historiografia da literatura brasileira**. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/escrita-e-critica-literaria-no-brasil/assets/artigos/36.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

CARVALHO, Jessica Catharine Barbosa de; ALVES, Alcione Corrêa. Uma vida de inadequações: Maria Firmina dos Reis e seu caráter subversivo na sociedade oitocentista maranhense. **Contraponto**, Teresina, v. 2, n. 1, p.143-157, fev. 2015. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/3790/2192>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

CARVALHO, Jessica Catharine Barbosa de. **Gupeva e Contos à beira-mar: Das possibilidades de sempre (re)descobrir Maria Firmina dos Reis**. 2018. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/1042-maria-firmina-dos-reis-gupeva-e-cantos-a-beira-mar>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

DUARTE, Constância Lima; TOLENTINO, Luana; BARBOSA, Maria Lúcia; COELHO, Maria do Socorro Vieira. (Org.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. 1ed. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FARACO, S. (Org.). Gonçalves Dias: **I-Juca-Pirama e Os Timbiras**. Porto Alegre: L&PM, 2016. 112 p.

FURTADO, Lucciani M. **Memorial de Maria Firmina dos Reis**. São Paulo: Editora Uirapuru, 2017. 374 p.

GARBUGLIO, José Carlos. **Melhores Poemas Gonçalves Dias**. 1 ed. São Paulo 2012, Global Editora. <https://www.amazon.com.br/gp/product/8526002724?ie=UTF8&tag=indica-livros-20>

GAUDÊNCIO, Wanda Patrícia de Sousa; BERNARDES, Andrea Lima; MELO, Carlos Augusto de. **Literatura indígena ou indianismo - a construção da identidade do**

Índio frente à literatura nacional. 2015. Disponível em:<  
[http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_25\\_05\\_2014\\_22\\_46\\_59\\_idinscrito\\_462\\_a2b0c3bbe7bbb166436536ab42fd0179.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_25_05_2014_22_46_59_idinscrito_462_a2b0c3bbe7bbb166436536ab42fd0179.pdf) >.  
 Acesso em: 04 abr. 2018.

LIMA, Renata Ribeiro. **Dialéticas de exílio e nacionalismo em Gonçalves Dias**. 2015. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Culturais e Interartes, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2015. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/79482/2/35635.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

MAGALHÃES, Luana Santana. **A Figura do Índio na Literatura**. 2006. Disponível em:  
 <<http://www.uni7.edu.br/recursos/imagens/File/publicidade/ic/2006/figuradoindio.pdf>>  
 . Acesso em: 03 abr. 2018.

MEDEIROS, Michelle Cristine. “I-JUCA PIRAMA”: O POEMA-DIORAMA DE GONÇALVES DIAS. **Travessias**, Cascavel - Paraná, v. 5, n. 1, p.374-383, nov. 2011. Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5092>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

RIBEIRO, Rondinele Aparecido. A contribuição da estética romântica para a construção da identidade nacional. **Revista Porto das Letras**, Palmas, v. 02, n. 02, p. 253-263, 2016. Disponível em:<  
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/2898/9527>  
 >. Acesso em: 03 abr. 2018.

SIMÕES, Darcilia; PEREIRA, Juliana Theodoro. **Novos Estudos estilísticos de I-Juca-Pirama** (Incursões semióticas). – 1. ed. – Rio de Janeiro: Dialogarts, 2005. p. 208. Disponível em:<  
[http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos\\_tfc\\_lingua/iucapirama2005.pdf](http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_lingua/iucapirama2005.pdf)> acesso em: 04 abr. 2018.

ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Reis e seu conto Gupeva: uma breve digressão indianista. **Em Tese**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 31-45, 2017. Semestral. Disponível em:<<https://doi.org/10.5007/1806-5023.2017v14n1p31>>. Acesso em: 3 abr. 2018.